

“A CHUVA APODRECIA OS CAMPOS E OS HOMENS”:¹ TRADUÇÃO E MELANCOLIA OU UMA NARRATIVA ENFERMA



André Luis Valadares de Aquino
Mestrando em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará (UFPA),
Linha de pesquisa Leitura e Tradução Cultural.
alvdeaquino@gmail.com

Resumo: A partir do ensaio fulcral de Sigmund Freud, *Luto e Melancolia – Trauer Und Melancolie* (1917) –, propomos situar a experiência de linguagem oferecida pela prosa ficcional *Chove nos campos de cachoeira* (1941), de Dalcídio Jurandir, no contexto da investigação sobre as expressões do inconsciente, em especial a afecção melancólica. Dizendo de outro modo, propomos identificar o quadro clínico de personagens afetadas, os “sintomas” mobilizados na estrutura narrativa, a representação do trabalho da melancolia no texto literário. Assim, apontamos para a vocação da escritura dalcidiana para a tradução melancólica, conciliando o conceito de melancolia entre Sigmund Freud e Walter Benjamin, em vista do empenho tradutório que aparece na obra de Jurandir.

Palavras-Chave: Dalcídio Jurandir, Melancolia, Tradução, Língua Poética.

Abstract: Based on Sigmund Freud’s central essay, “Mourning and Melancholia”, — *Trauer und Melancolie* (1917) —, we researched the language experience offered by the fictional prose “*Chove nos Campos de Cachoeira*” (1941), by Dalcídio Jurandir, in the expressions of the unconscious, mainly those related to melancholy. More specifically, we aimed to identify the clinical state of affected characters, the “symptoms” mobilized in narrative structure, the representation of the work of melancholia in the literary text. Findings indicated that Jurandir’s vocation for writing melancholy translation lies in conciliating Sigmund Freud’s and Walter Benjamin’s concepts of melancholia.

Keywords: Dalcídio Jurandir, Melancholia, Translation, Poetic Language.

17

1. TRADUÇÃO E MELANCOLIA, À GUIA DE INTRODUÇÃO

“E uma tradução? Será ela dirigida a leitores que não compreendem o original?”, indagava Walter Benjamin (2008, p. 66) a propósito do problema da comunicabilidade da tradução, dizendo melhor, da sua condição desigual com o texto fundante que se afirma quando responsabilizada pela transmissão de um conteúdo que se quer essencial. O filósofo prossegue: “o que ‘diz’ uma obra poética? o que comunica?” (BENJAMIN, 2008, p. 66), querendo de antemão estabelecer as articulações pontuais para aproximar o poeta do tradutor, afinal, compartilhariam a tarefa de dar a ver “aquilo que [este] o tradutor só pode restituir ao tornar-se, ele mesmo, um poeta” (BENJAMIN, 2008, p. 66). O que aparece revelado na tradução corresponde a um *novo lugar*, a operação tradutória não é

AQUINO. “A chuva apodrecia os campos e os homens”: tradução e melancolia ou uma narrativa enferma *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 17-27, 2012.

capaz de assegurar condições materiais para amparar a totalidade da informação estabelecida no texto de origem.

Depois, Benjamin esclarece: “tradução é uma forma” (BENJAMIN, 2008, p. 67), ou uma construção de linguagem, os poetas são os tradutores ideais, posto que se interessam, em grande medida, pela maneira de articulação dos signos linguísticos, o que corresponde à “função poética” de Roman Jakobson (2003). A “forma” aceita por Benjamin como componente acessível no traslado de uma língua/cultura para outra admite um “instante inesquecível” que se esqueceu, dessa feita, intraduzível (JAKOBSON, 2003, p. 67), e que se quer rever ou revelar. Sob um ponto de vista ironicamente ontoteológico, está falando sobre “uma lembrança de Deus” (BENJAMIN, 2008, p. 67), *des Tours de Babel*,² que impõe o horizonte possível da transmissão de uma materialidade inventada pelo homem na sua incompletude e incomunicabilidade, que impõe unicamente a traduzibilidade das construções de linguagem.

Assim, o significado permanece restrito ao original enquanto informação primeira e final, permanecendo impenetrável o “âmbito predestinado e interdito da reconciliação e da plenitude das línguas” (BENJAMIN, 2008, p. 73).

18

No importante trabalho *Walter Benjamin: tradução e melancolia* (2002), Susana Lages se debruça sobre o aspecto da melancolia na atividade da tradução ou da traduzibilidade das línguas, a partir, sobretudo, de W. Benjamin, mas também de S. Freud. Lages identifica o ensaio de Freud, *Luto e Melancolia*, como proposta para uma teoria clínica da melancolia³ (LAGES, 2002, p. 58-65), dedicando à questão um subcapítulo da sua tese. A obra de Benjamin ocupa efetivamente a reflexão da autora, interessada na visada metafísica benjaminiana da tradução, formulada pelo filósofo desde seu ensaio sobre *A Linguagem em geral e a Linguagem do homem* (1916) até à *Tarefa do tradutor* (1923).

Por outro lado, o sistema conceitual que caracteriza a disposição melancólica se organiza de maneira diferenciada entre Freud e Benjamin. Para Freud, a melancolia corresponde a um quadro clínico especial, a uma expressão patológica, a uma disposição do inconsciente para a satisfação sádica voltada para o próprio eu (FREUD, 1987); enquanto para Benjamin a melancolia é fixada como condição mais geral, a acometer o tradutor na sua “tarefa” (*Aufgabe*), de saída, condenada ao fracasso. A “melancolia” para Benjamin é, nesse sentido, equivalente ao “luto” descrito por Freud, como atestou Marcelo Jaques de Moraes na sua conferência “Sobre a violência da relação tradutória” (2011),⁴ considerando que o ensaio freudiano aponta para a superação do sofrimento do enlutado pela projeção da libido na

AQUINO. “A chuva apodrecia os campos e os homens”: tradução e melancolia ou uma narrativa enferma *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 17-27, 2012.

direção de um novo objeto de amor (FREUD, 1987), assim como na proposta benjaminiana o processo melancólico admite sua finalização na figura do tradutor pela proposição de um novo “original” (BENJAMIN, *apud* JAQUES DE MORAES, 2011).

Pretendemos conciliar Benjamin e Freud no que interessa para uma interpretação psicanalítica das figuras afetadas que se apresentam na prosa ficcional *Chove nos Campos de Cachoeira*, de Dalcídio Jurandir. Para essa empresa, Benjamin oferece a preocupação sobre a condição do tradutor no seu ofício, enquanto Freud proporciona a descrição da formação da enfermidade sobre a ordem psíquica. Desta feita, desenvolvemos a ideia de que a tradução operada por Jurandir no seio da própria língua/cultura se inscreve como tradução melancólica, manifesta na própria estrutura narrativa, condição ocasionada pelo resultado desse ato, a língua poética, responsável pela “traição” na tradução: pelo “adoecimento” da narrativa.⁵ Em outras palavras, estamos interessados na forma de representação do “trabalho da melancolia” (FREUD, 1987, p. 151) em vista do empenho tradutório que aparece na obra dalcidiana.

2. UMA NARRATIVA “ENFERMA”: *CHOVE NOS CAMPOS DE CACHOEIRA*

A “inibição melancólica” atua operando o esvaziamento do eu, ao mesmo passo que o faz demonstrar humores irregulares, ocasiona “processos de regressão” (FREUD, 1987, p. 146). Nossa descrição rápida e preliminar identifica, em graus diferentes, um tipo de adoecimento que acomete as personagens dalcidianas, em especial Alfredo e Eutanázio.

2.1. “Alfredo, menino contemplativo e melancólico...”⁶, e o jogo da “bolinha mágica e infatigável. (...) Com ela desapareciam as feridas.”⁷

“Se eu morrer muito novo (...) Nunca fui senão uma criança que brincava”.
(Alberto Caeiro)

A criança, Alfredo, pelo seu brinquedo, projeta e libera algum tipo de acúmulo que prescinde do desejo de difícil realização, a saber, a *travessia* da vila de Cachoeira a Belém para frequentar as escolas da capital. O “caroço de tucumã” como seu objeto mágico acena para a possibilidade de salvação pela reparação parcial e momentânea do objeto afastado, embora exponha ainda mais a incapacidade de finalização da empresa:

A febre faz Alfredo mais agarrado à rede, às revistas, aos caroços de tucumã que joga na palma da mão. Com um carocinho daqueles imagina tudo, desde o Círio de Nazaré até o Colégio Anglo-Brasileiro (JURANDIR, 1991, p. 89).

A intensa introspecção do menino é signo da “regressão da libido ao ego” (FREUD, 1987, p. 151), do empobrecimento do eu, em contrapartida, novamente enriquecido pelo

AQUINO. “A chuva apodrecia os campos e os homens”: tradução e melancolia ou uma narrativa enferma *Belas Infieis*, v. 1, n. 1, p. 17-27, 2012.

“sonho de viagem” ou “sonho de cidade” (JURANDIR, 1991, p. 103), pela força da imaginação que reedita fragmentos do “lugar de redenção”: “O colégio era um sonho, faz-de-conta era a única salvação; mas as mãos paravam fatigadas de tanto jogar o carocinho” (JURANDIR, 1991, p. 284).

O espaço visado se põe à vista ainda pela via da memória, ponto por meio do qual o leitor-analista é capaz de identificar precisamente a origem da afecção melancólica em Alfredo. Freud opõe os afetos do luto aos da melancolia nos seguintes termos:

[...] a melancolia está de alguma forma relacionada a uma perda objetual retirada da consciência, em contraposição ao luto, no qual nada existe de inconsciente a respeito da perda (FREUD, 1987, p. 143).

20 A criança rememora e confirma o conhecimento fundado sobre a cidade, quando muito menino, constituído por experiência dificultosa e penosa, afastada do posto onírico que seduz pela aventura de um passeio apaixonado. O gesto de reedificação da cidade enfatiza e coloca de volta o momento da primeira viagem como experiência frustrada, o único sinal de legitimação dessa certa cidade imaginária são os objetos de afeto colecionados, pistas ou rastros que se colam ao desejo de revelação ou desnudamento do lugar, mais que espaço, personagem, como assegura Benedito Nunes (1963), que se insinua cheio de cores, odores e movimentos:

Mas Alfredo acorda com aquela cidade cheia de torres, chaminés, palácios, circos, rodas giratórias que lhe encham o sonho e o carocinho. De olhos abertos para o telhado, pensa na sua ida para Belém. Seu grande sonho é ir para Belém, estudar. A única vez que esteve na cidade era ainda bem pequeno. Mas tem lembrança de tudo que viu. [...]. Siá Rosália lhe trazia senhas de passagens de bonde. Eram vermelho-claras com as letras verdes. Embevecia-se olhando as senhas que siá Rosália lhe dava como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelos fios elétricos. Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos. [...].

Voltou para Cachoeira sem ter visto a cidade de siá Rosália, nem a cidade de seus pais que viam teatro, cinema e muitos bondes. [...].

Quando for para Belém não quer ir para aquela cidade triste, cheia de lama, com meninos sujos, homens rotos e tismados que passavam carregados de embrulhos, com carrinhos de mão vendendo bucho, com uns velhinhos batendo na porta e estendendo a mão, uma carroça cheia de cachorros presos numa grade. Queria era ver o Círio, a Santa na berlinda, os cavalinhos, a montanha russa, o museu, queria ao menos ver os colégios e as livrarias onde se vendiam os livros de histórias maravilhosas que sempre desejava (JURANDIR, 1991, p. 87-89).

O afastamento do objeto de desejo se alia ao sintoma perigoso da tendência ao suicídio, ou pelo menos a manifestação do “delírio de inferioridade”, a ponto de o afetado “dirigir contra si mesmo a hostilidade relacionada a um objeto” (FREUD, 1987, p. 147):

Misturado com o escuro da porta do corredor vem a sua “viagem” para Belém. Sua mãe lhe dera uma esperança mais forte. [...] Quantas vezes, já com o frio da febre ou ainda com a febre, não ia chorando se queixar, bater os pés na cozinha onde sua mãe lava as xícaras do café ou mexe a panela: – Mamãe, me mande para Belém. Eu morro aqui, mamãe. Cresço aqui e não estudo. Quero estudar, quero sair daqui! (JURANDIR, 1991, p.189).

– Mamãe, é a febre. Eu morro, mamãe. A senhora não me leva para Belém e eu vou é bater no cemitério, mamãe. Dói este frio. Dói. Um chá, mamãe. (JURANDIR, 1991, p. 235)

A “satisfação sádica de seu sofrimento” (FREUD, 1987, p. 147), aliada à autotortura, confirma a desordem de saúde do ego melancólico, é complementar ao movimento de aproximação e afastamento do local visado: impulso destróador do sujeito e mobilizador do objeto perdido para dentro, ocasionando súbitas reações de amor e ódio, Freud identifica como sentimento ambivalente e pendular.

D. Amélia assim como ouvia assim ficava. Nem resposta sabia dar. Se envergonhava de não poder dar boa resposta ao filho. Mas Alfredo chorava, se lamentava, mordida o lençol, ainda cheirando a febre na rede, ficava estúpido e sem forças, coçando feridas com um súbito desejo de sangrá-las mais, abri-las, ficar todo em carne viva, em feridas, querendo fugir de Cachoeira, desaparecer de casa, partir nem que fosse pra o Instituto Lauro Sodré. (JURANDIR, 1991, p. 189-190)

O impulso de morte na criança registra o aparecimento da imagem alegórica do distúrbio melancólico como “ferida que não cessa de sangrar” ou “ferida aberta”: “o conflito dentro do ego, que a melancolia substitui pela luta pelo objeto, deve atuar como uma ferida dolorosa” (FREUD, 1987, p. 152). Essa “dor mental” se traduz em dor física, descrita pelo menino em ressonância ao diagnóstico freudiano:

Alfredo ergue-se e olha de novo as marcas de feridas. Os campos se queimam mas em Janeiro as grandes chuvas lavam a marca do fogo. Os campos ficam verdes e se deixam depois ficar dentro d’água e os mururés florescem entre os peixes. Quando sua mãe aparecia com a cuia e o algodão para lavar as feridas, Alfredo se amolecia na rede num quase desejo de morrer, morrer devagarinho com o braço de sua mãe sob a sua cabeça. Aquilo era também da febre. Mas de súbito um ímpeto de chorar alto, de gritar para espantar aquele desejo sem forma. Vontade de bater o pé para a mãe, embrulhar-se na rede, repelindo o curativo, não queria nada. D. Amélia nascera com aquelas mãos para tratar feridas. E agora Alfredo sabe que nem essas mãos nem as grandes chuvas em Março curam a marca das feridas (JURANDIR, 1991, p. 18).

O comportamento pendular é signo da dor acentuada, a ferida exposta apresenta a carência análoga à reposição ou cura como rearticulação do objeto perdido, reencontrado ou restaurado dentro do menino (à procura fora do que se esconde dentro): o sonho de cidade abre mais as feridas.

2.2. A morte do autor (melancólico): o “poeta doente”, Eutanázio, e a proteção pela ilusão artística

A vocação da escritura dalcidiana para a tradução melancólica implica a evocação de figuras sintomáticas, como estamos a caminho de delimitar. O personagem Eutanázio, em grau mais elevado de adoecimento que Alfredo, também padece da carência melancólica, autorrecriminando-se ainda mais. Freud afirma que “as autorrecriações são recriações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente” (FREUD, 1987, p. 145):

Eutanázio criara os monstros que o devoravam, lentamente. Rompiam-se no seu silêncio dores fundas, pequenas dores, meias dores monótonas pingando das horas. Pequenos ódios, remorso de não odiar como devia, de não se maltratar como é preciso. Ter assim um desprezo de si mesmo (JURANDIR, 1991, p. 30).

A imagem do objeto de desejo potencialmente oculta no ego melancólico se revela como impossibilidade de rever e acessar a solução da carência, motivada pela “desconsideração ou desapontamento proveniente da pessoa amada” (FREUD, 1987, p. 145), dessa feita “a melancolia pode constituir reação à perda de um objeto amado (...), perda de natureza mais ideal. O objeto talvez não tenha realmente morrido [‘luto’], mas tenha sido perdido enquanto objeto de amor” (FREUD, 1987, p. 143):

A noite o enche de obsessões. [...]. Mas Irene ri como se o triturasse. Eutanázio caminha no rumo da casa de Irene. As grandes marchas noturnas. As mesmas marchas solitárias. O caminho nos campos é estreito e sinuoso. O vento mais frio. O olhar de Irene o envenena todo. [...] Irene já deve estar na varanda pronta para o seu desprezo pequenino e corrosivo (JURANDIR, 1991, p. 30, 43).

Embora Freud assuma que “[...]a inibição do melancólico nos parece enigmática porque não podemos ver o que é que o está absorvendo tão completamente” (FREUD, 1987, p. 143) – opinião compartilhada pelo narrador dalcidiano, “[...] a doença de Eutanázio, misteriosa moléstia essa que parecia invadir todo o chalé” (JURANDIR, 1991, p. 16) –, “Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma” (JURANDIR, 1991, p. 21).

O mal-estar melancólico se manifesta pela ancoragem da perturbação sobre os sentimentos de autoestima, alternado reações de profundo desânimo e intensa euforia:

Os campos levavam-no para o riso de Irene, para aqueles olhos densos de feiticeira estupidez e nojo. Cada marcha daquela era uma dupla marcha, a dos pés fatigados, dos rins doendo, dos tecidos castigados. Era uma caminhada de meia hora, e dura, todos os dias, para o seu corpo. A outra marcha era a obsessão, a das sensações confusas, dos conflitos que lhe deixavam na cabeça cinza e sombra. (JURANDIR, 1991, p. 42)

O enfermo desenvolve quadros de “delírio de inferioridade”, completados “pela

insônia e pela recusa a se alimentar” (FREUD, 1987):

Veio D. Tomázia olhar na mesma manhã o doente. Era a sua comadre. Foi logo à cozinha fazer um caribé, mingaus, papas, leite. Era preciso alimentar o doente. Mas Eutanázio se tornou intratável, estúpido, dentro de sua moléstia, do seu tédio, da sua humilhação. D. Tomázia estava acostumada a ver o seu Eutanázio macio na casa de seu Cristóvão e agora encontrava um homem intolerável, recusando os mingaus, os caribés, as papas, tudo. Recusando brutalmente. Não queria saber de nada (JURANDIR, 1991, p. 65).

Resistente ao desejo de dormir, nutrindo ainda sentimentos de revolta e de hostilidade contra si mesmo, o enfermo cessa a disposição para a própria vida: “Por que tudo faz para não se restabelecer? Por que não tem medo da morte? Parece um suicídio” (JURANDIR, 1991, p. 282).

O consolo efêmero de reedificação do equilíbrio e da saúde, para Eutanázio, submete-se ao desejo de afastamento do eu afetado, desejo de operar a *outra morte*, redentora, de substituição da intimidade pela linguagem: “morte do autor” (BARTHES, 1988).

Poeta destituído de palavra, Eutanázio narra a própria experiência de morte, pensando na arte da escrita como experiência salvadora:

Não sabe por que lhe vem agora de novo a compreensão de quanto lhe é bem trágica a sua incapacidade para a poesia. A natureza é má, sádica, imoral. Dava a uns uma excessiva capacidade poética e a ele deu a tragédia de guardar um material bruto de poesia e não poder conquistar um pensamento poético nem a linguagem poética. Tinha a substância poética mas enterrada no que havia de mais profundo e inviolável de sua inquietação. Era como um homem mudo. Um cachorro tem a expressão poética muitas vezes nos olhos. Ele não tem senão nas infinitas profundidades de sua consciência, do caos que rola dentro de si. [...] Dentro dele se agitava um caos e só a poesia daria ordem a esse caos (JURANDIR, 1991, p. 42-43).

A morte anunciada (o sofrimento melancólico originado pela impossibilidade do amor de Irene) acompanha a impossibilidade de escrever. À espera do fim, o poeta doente, pela experiência da literatura, tornar-se-ia outro. “Deseja a morte de Irene. Se livrar da lembrança de Irene” (JURANDIR, 1991, p. 30-31), Irene é seu sonho de morte ou “sonhos mortos... Os sonhos se misturavam com as cenas perdidas, alguém ri [Irene ri]” (JURANDIR, 1991, p. 30). “Os olhos se fecharam como se em si mesmos procurassem a Irene perdida” (JURANDIR, 1991, p. 286), a morte significa o retorno ao “princípio do mundo”, “Irene é o princípio do mundo” (JURANDIR, 1991, p. 285).

A produção, o excesso e a acumulação infecciosa da bile negra que se desdobra no corpo inspiram o adoecimento melancólico (ARISTÓTELES, 1998). A expurgação dos afetos ou a terapia catártica, está ainda na *Poética* de Aristóteles (1996), devolveria a harmonia fisiológica necessária para manutenção da estabilidade e purificação do espírito. Embora

produza efeito análogo, a “salvação” de Eutanázio não responde pela liberação catártica dos humores (mesmo porque esta corresponde à ação poética sobre o expectador da obra de arte), mas pela *transposição* ou projeção do desejo para a palavra poética, autorizando a aparição duplicada da própria vida, escondida e protegida por uma “biografia literária”. Esse recurso não deve curar, apenas interrompe o estado afetado; a carência reaparece pela nova empresa na sua impossibilidade de acessar a palavra poética.

Como testemunha de sua própria morte, Eutanázio responde ao projeto literário de superação da morte, de escrever para viver (proteção pela ilusão artística). A esperança na palavra antecede, no entanto, a experiência frustrada da escrita (solidão):

Se habituara a colher certas palavras mais ou menos difíceis para o seu uso íntimo. Ninguém o surpreendia soltando essas palavras de que tinha talvez pudor como de largar palavrões (JURANDIR, 1991, p. 42).

Como testemunha Eutanázio queria “saber ler e escrever para mudar a face das coisas” (JURANDIR, 1991, p. 37), porém “Major Alberto [o padrasto] criticava duramente esses versos mas o povo gostava [...] Eutanázio achava assim que a sua pobre poesia tinha sempre alguma utilidade” (JURANDIR, 1991, p. 109). “Mas animou-se quando leu isso num almanaque: O VERSO É TUDO” (JURANDIR, 1991, p. 39).

24

Impotente, incapaz até de fazer um soneto. Um sofrível soneto na vida. Não alteraria a ordem universal das coisas se fizesse o milagre de minutar um soneto sofrível, mesmo contrariando sua própria natureza cujas leis eram cegas e rígidas. Ficava como que docemente humilhado com a derrota. E “sofrendo as melancolias” de sua mediocridade voltava a encadernar os livros pacientes, a espiar os passarinhos que bem junto de casa faziam os seus ninhos como ninguém no mundo seria capaz de escrever sonetos. Ser consciente de sua impotência era um consolo, mas às vezes o exasperava. Antes tivesse a total inconsciência de sua mediocridade. Consciente era deixá-lo de qualquer forma em confusão. Em plena lucidez de sua miséria e ainda por cima a inexplicável necessidade de teimar, de prosseguir estupidamente nos seus deveres de amanuense das Musas (JURANDIR, 1991, p. 37-38).

A *vida* literária do “poeta triste” (JURANDIR, 1991, p. 135) impõe a estratégia da reflexão sobre a linguagem, recurso que passa prioritariamente pelo poema, o estabelecimento do jogo fundamental entre prosa e poesia pela via da escrita metapoética. Também, dentro do jogo de substituição da intimidade pela linguagem (“morte do autor”), o poeta Jurandir adquire impessoalidade tendo como fundo o poeta Eutanázio. Ambos ostradutores melancólicos, molestados, “misteriosa moléstia” (JURANDIR, 1991, p. 16), pela carência fatal da palavra restauradora, condenados a dizer o in-di-visível: que não se pode dividir, duplamente visível e invisível da linguagem poética.

3. “A CHUVA APODRECIA OS CAMPOS E OS HOMENS”,⁸ EM LUGAR DE UMA CONCLUSÃO

O trabalho de representação da melancolia no texto literário dalcidiano, assim, produz a irradiação de uma imagem “adoecida” ou “dilacerada” do lugar de “origem”, da região da Amazônia marajoara, impondo-se, por isso, uma relação violenta entre o tradutor e sua cultura. Desta feita, o escritor passa a lidar com uma alteridade que não estava lá antes, que só aparece pela própria experiência literária.

De todo modo, a inauguração dessa *prova do estrangeiro*⁹ com a qual, desde então, deve lidar o leitor na sua experiência mesma – quiçá na expectativa de um retrato fiel (por assim dizer, uma tradução regionalista) – possibilita o conhecimento da Amazônia, desse tipo de “original”, sob nova luz, projetada na direção de um novo lugar: lugar de linguagem.

A língua poética, como novo código de ação pelo texto de Jurandir, contorna os campos de Cachoeira,¹⁰ deixando, porém, escorregar para além de seus limites referenciais linhas de fuga, que, em seu retorno, produzem alguma rasura de escrita e de tradução, expropriando o seu autor (um via daquela “morte do autor”).

Tudo para dizer que, em especial, essa forma de representação literária se constitui na condição de interação entre os sintomas do estado melancólico (FREUD, 1987) e os estímulos referenciais de uma formação cultural particular, contaminação aquela que acomete antes o escritor na sua *tarefa* (BENJAMIN, 2008), no seu projeto de relação tradutória.

O ponto de contágio ou a estrutura de prolongamento da compleição humoral do melancólico entre Alfredo e Eutanázio assombra o *modus operandi* do sujeito articulador do texto afetado, Dalcídio Jurandir, passa pela construção poético-narrativa, pelo empreendimento tradutório de produção da cópia deformada pela “doença”: a “chaga” do poema ataca o “pensamento lógico” (PAZ, 1972) e íntegro da prosa. A melancolia fundada na operação tradutória aparece na informação traduzida.

O romancista mesmo nos ajuda a identificar, em termos próprios, a predisposição ou a vocação de sua obra para a tradução melancólica. Jurandir sugere pelo nome de seu personagem a máscara-síntese do sofrimento melancólico: Eutanázio que significa a aceitação da falência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **O homem de gênio e a melancolia**: O problema XXX. Trad. Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Lacerda Editora, 1998.

_____. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Porto Alegre: Globo, 1966.

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Trad. Susana Lages. In: **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin**: Quatro traduções para o português. Lucia Castello Branco (org.). FALE-UFMG: Belo Horizonte, 2008. p. 66-81.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. In: **O rumor da língua**. Trad. Mário Laranjeira. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 66-70.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: Edusc, 2002.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: **Obras completas**. v. 14. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987. p. 141-152. [Livro digital].

26 JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.

JAQUES DE MORAES, Marcelo. Sobre a violência da relação tradutória [Conferência]. In: **I Simpósio Tradução e Memória**. Belém: UFPA, 2011.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Belém: CEJUP, 1991.

LAGES, Susana. **Walter Benjamin**: Tradução e melancolia. São Paulo: EDUSP, 2002.

NUNES, Benedito. [Crítica de dobra de página]. In: JURANDIR, D. **Passagem dos inocentes**. Rio de Janeiro: Martins Editora: 1963.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1972.

¹ Em JURANDIR, D. **Chove nos Campos de Cachoeira**. Belém: CEJUP, 1991. p. 272.

² Jacques Derrida, em seu ensaio *Des Tour de babel (Torres de babel)*, dedica-se a pensar sobre o problema do messianismo no trabalho da *Tarefa do Tradutor*, além de propor uma interpretação psicanalítica das imagens alegóricas benjaminianas, como a da “semente”, da “casca” e do “manto real”. A propósito disso, cf. LAGES. **Walter Benjamin**: tradução e melancolia.

³ Lages, em seu trabalho, intitula essa linhagem de reflexão como “Versão psicanalítica da melancolia”.

⁴ Conferência de abertura do I Simpósio Tradução e Memória, realizada na Cidade Universitária José Silveira Netto (UFPA), em Belém, 2011.

⁵ Menção ao título do presente artigo, “‘A chuva apodrecia os campos e os homens’: tradução e melancolia ou uma narrativa enferma”. Refiro-me, como veremos adiante, à “contaminação” da estrutura narrativa pela disposição melancólica que acomete as personagens dalcidianas,

ou seja, à forma de representação de figuras afetadas pela doença.

⁶ JURANDIR, *op. cit.*, p. 101.

⁷ *Ibidem*, p. 145.

⁸ *Ibidem*, p. 272.

⁹ Sobre a tradução como “relação”, cf. BERMAN. *A prova do estrangeiro: cultura e tradução na Alemanha romântica*.

¹⁰ O município de Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó, corresponde ao lugar de partida sobre o qual se estabeleceu a tradução literária por Dalcídio Jurandir, no caso desse seu romance inaugural, *Chove nos Campos de Cachoeira* (1941).